

TRABALHO REMOTO E SOBRECARGA FEMININA: RELATOS DE SERVIDORAS PÚBLICAS FEDERAIS DO IFRJ - CAMPUS REALENGO

HOME OFFICE AND FEMALE OVERCHARGE: REPORTS FROM IFRJ CAMPUS REALENGO FEDERAL PUBLIC AGENTS

Sandra Cristina Alves de Melo Machado [sandra.machado@ifrj.edu.br] ¹

Rachel de Góes Bruno de Oliveira [rachel.bruno@ifrj.edu.br] ²

¹IFRJ/CReal – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro – *Campus* Realengo – Assistente Social - CoTP

²IFRJ/CReal – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro – *Campus* Realengo – Assistente em Administração - SE

RESUMO

O presente estudo buscou analisar as percepções das servidoras do IFRJ, *campus* Realengo, acerca do trabalho remoto e de que modo esta forma de trabalho repercute no cotidiano de vida dessas mulheres. Buscou-se, ainda, identificar possíveis relatos relacionados à sobrecarga por parte das servidoras públicas federais do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ) - *campus* Realengo, que estivessem em regime de trabalho remoto durante o isolamento social causado pela pandemia de COVID-19. Visamos ainda, identificar as preferências de uso do tempo livre por essas mulheres. Esta pesquisa é importante pois demonstra como o teletrabalho pode intensificar as desigualdades entre homens e mulheres através do reforço de estereótipos e papéis definidos socialmente, confirmando o que muitas investigações já vêm apontando nesta área. É possível, ainda, através dos resultados encontrados, propor estratégias de aperfeiçoamento a este modelo de trabalho que considerem o universo familiar e estimulem, para além de processos reflexivos, uma alteração deste cenário, reforçando a desconstrução desses papéis e a responsabilização coletiva e igualitária dos afazeres domésticos e cuidados com crianças, idosos e demais dependentes. Almeja-se, assim, que estes resultados promovam uma maior compreensão sobre este universo, capacitando-nos a alterar os quadros de sobrecarga instalados e, além disso, que seja promotor de mudança de valores e posturas a fim de restaurar a saúde física e mental das mulheres.

PALAVRAS-CHAVE: Trabalho Remoto; sobrecarga; mulheres, tarefas domésticas, COVID-19.

ABSTRACT

The present study seeks to analyze the perceptions that Campus Realengo IFRJ female public agents have about working from home and how this mode of work reverberates in their daily lives. We even searched for possible reports regarding overload from the Campus Realengo IFRJ female public agents, who were working remotely during the social distancing time caused by the Covid-19 pandemic. We also aimed to identify the preferred uses of free time by these women. This research is important for its demonstration of how working from home can intensify the imbalance between men and women through the reinforcement of the stereotypes and pre-defined social models, confirming what several investigations in this area of study have already pointed to. It is still possible, through the results found, to propose strategies of improvement to this work model, which could regard the familiar universe and stimulate to beyond conjectural

process a real change of this scenario, reinforcing the deconstruction of these roles, and approaching an equal and collective responsibilities for the household chores, children, elderly and otherdependents. From the results of the study, we aim to promote a widercomprehension about this universe, enabling ourselves to transform the previously established overload condition and, in addition, we wish that these results might be aninstigating agent towards the shift of values and attitude to restore women's physical and mental health.

KEYWORDS: *Remote working; overworking; women, COVID-19, household chores.*

INTRODUÇÃO

É fato conhecido que as atividades domésticas e o ato de cuidar (seja de filhos, idosos, ou pessoas que necessitem de qualquer tipo de assistência) vêm historicamente sendo delegados à mulher. Mesmo após sua entrada no mercado de trabalho, essas tarefas continuam sendo, majoritariamente, vistas como obrigação delas (BADINTER, 1985; ZANELLO, 2016). Isso gera uma sobrecarga de todos os tipos de trabalho, pois o compromisso de cuidar da casa e de alguém, somado às atividades profissionais, configura o que vem sendo denominado “dupla jornada” de trabalho (IPEA 2017). Neste artigo procuramos investigar como as servidoras públicas do *campus* Realengo do IFRJ se sentiam em relação ao acúmulo de funções (remuneradas e não-remuneradas), todas acontecendo simultaneamente, muitas vezes num mesmo cômodo da casa. Essa não divisão espacial/física entre jornada de trabalho remunerado e o trabalho de cuidar de alguém, somado à necessidade de realizar tarefas domésticas, merece atenção e investigação - por mais que não seja uma situação nova (afinal o *home office*, ou teletrabalho, já é um sistema de trabalho utilizado em algumas empresas), as circunstâncias em que ele se deu são inéditas. Nunca antes havia sido experienciado este estado de isolamento social por tão longo tempo, como aconteceu devido à pandemia de COVID-19, particularmente no Brasil. Outro fator que se acrescenta a isso é que, inesperadamente, o trabalho remunerado dessas servidoras passou a ser exercido em casa, e certamente muitos lares não estavam preparados para oferecer as condições adequadas para essa atividade - desde silêncio, equipamentos eletrônicos disponíveis, internet de banda larga e mobiliário apropriado. Destaca-se, ainda, que este é um grupo privilegiado em certa medida por poder exercer o trabalho remunerado neste regime. A nível nacional sabe-se que a maioria das mulheres perdeu o emprego e que muitas delas, em especial as de baixa escolaridade, não conseguem realizar seus trabalhos remunerados em casa.

O estudo centra-se na hipótese de que o regime remoto intensificou a sobrecarga de trabalho para as servidoras do IFRJ que, a despeito de possuírem maior grau de escolaridade, enfrentaram um incremento nas funções desempenhadas no ambiente doméstico. Outra consideração importante é que o grau de escolaridade parece ser uma variável significativa para a percepção sobre o lugar social das mulheres e sobre as relações de gênero nas esferas privadas e públicas. Acredita-se que o grau de escolaridade poderá interferir nas suas formas de sociabilidade e em outras instâncias da vida dessas mulheres.

Tenciona-se, desta forma, pesquisar os impactos do regime de trabalho remoto no cotidiano das servidoras do IFRJ-Realengo e, especificamente, mapear as principais atividades desempenhadas pelas servidoras relativas ao ambiente doméstico; identificar as formas de organização do trabalho remunerado, não remunerado e cuidados pessoais e pesquisar os principais agentes responsáveis pela realização das atividades doméstica

HIERARQUIA DE GÊNERO

Este artigo está fundamentado na ideia de que há um sistema social que transforma as diferenças entre homens e mulheres em desigualdades. Deste modo, a ideia aqui

predominante é que essas desigualdades se expressam nas suas mais variadas formas e conformam um cenário em que a mulher ainda é totalmente vinculada a papéis sociais construídos. Observa-se, deste modo, que a identidade feminina é uma categoria de análise que revela como foram e vêm sendo construídos os papéis e a imagem feminina e como essas “construções” repercutem nas mais variadas formas de ser mulher na sociedade atual.

As teorias sobre gênero foram desenvolvidas mais precisamente a partir da década de 80. A historiadora Scott (1996, p. 9 *apud* Teles Lemos, 2005, p.96) compreende gênero como elemento que se constitui por meio das diferenças percebidas entre os sexos. Scott não postula a igualdade, mas evidencia que as diferenças não necessitam ser construídas como hierarquias. Como já foi explicitado, gênero é uma construção social, algo que vai muito mais além do corpo biológico, e que pode significar relações de poder, legitimação e também decodificação das relações advindas das interações humanas. Analisar gênero é traçar um paralelo entre cultura, política, socialização e todos os temas que permitam explicar as formas distintas que homens e mulheres assumiram na história da humanidade.

Outro aspecto importante é a identidade de gênero como categoria de análise. Identidade num sentido mais amplo nos traz a percepção do quê e de quem somos. Para Sarti (1996, p:90), as identidades sociais significam identidades em movimento, definidas e redefinidas por contrastes. O gênero nos permite compreender que o sexo masculino e feminino constituem dimensões que ultrapassam o biológico; sendo assim, essa identidade permite aos indivíduos, tanto homens quanto mulheres, procurarem as mais variadas formas para interpretar-se e assim compartilharem de suas dificuldades. Num sentido mais amplo, a identidade de gênero permite que estas diversas identidades se agrupem e busquem coletivamente formas de mobilização na sociedade. Exemplo disso são os movimentos feministas e o movimento LGBT, entre outros. Pode-se dizer que muitos são os elementos que integram o processo de construção da identidade de gênero, a começar pela distinta socialização masculina e feminina. Contudo, a diferença está na forma como cada indivíduo entende e vive a sua identidade individual e coletiva.

Segundo Siqueira e Lima (2003),

A identidade social é construída por várias identidades. Um sujeito social apresenta-se em diferentes situações e posições acionando diferentes identidades, selecionadas do estoque de identidades que constituem a identidade social. Para as mulheres, tradicionalmente, as referências que compuseram esta identidade eram fundamentalmente as de filha, esposa e mãe (Siqueira e Lima, 2003, p. 19).

Esta identidade parte do pressuposto que depende do meio social em que se vive, dos tipos de relações e vivências para que seja construída uma nova pessoa, uma nova mulher. Porém, como será confirmado através da própria pesquisa, muitas mulheres estão envolvidas dentro das relações de gênero construídas ao longo dos séculos. Nesse sentido, Grossi (s/d) afirma que o sexo é uma categoria que ilustra a diferença biológica entre homem e mulher, já o gênero é um conceito que remete à construção cultural coletiva dos atributos de masculinidade e feminilidade. Nessa perspectiva em questão, a identidade de gênero nos permite pensar o lugar dos indivíduos no interior de uma determinada cultura.

A FAMÍLIA ENQUANTO ESPAÇO DE MÚLTIPLAS VIVÊNCIAS

A Família, como instituição, tem passado por metamorfoses que configuram um novo tipo de agrupamento. O indivíduo tem ganhado cada vez mais espaço em detrimento da unidade familiar (BAUMAN, 1998:44).

Para Rocha-Coutinho (2006), as famílias podem ser definidas como unidades de relações sociais e de reprodução tanto biológica quanto ideológica, no sentido de que é nelas que os hábitos, costumes e padrões de comportamento são transmitidos e incorporados ou onde passam a ser questionados. Assim, a família se apresenta como um espaço tanto de

convivência, onde as trocas afetivas e de informações se fazem presentes, quanto de conflitos e relações assimétricas de poder.

O processo de socialização que se inicia na família definiu e reproduziu a condição de inferioridade das mulheres. Papéis como o de mãe, filha e esposa atestam a sensibilidade proveniente das mulheres que, em alguns casos, se subjugam a desempenhar plenamente estes papéis. A família é o espaço no qual estes papéis são desempenhados, demarcando o lar, a esfera privada, como espaço próprio das mulheres.

A REATUALIZAÇÃO DE VELHAS PRÁTICAS - A PANDEMIA E O FORTALECIMENTO DE ANTIGOS PAPÉIS

Conforme orientações da Organização Mundial de Saúde (OMS), a principal medida preventiva contra a COVID-19 previa o isolamento social, medida esta que impactou drasticamente as relações trabalhistas, uma vez que muitos vínculos/postos de trabalho estavam direcionados integralmente para a prestação direta de serviços. Deste modo, muitos postos de trabalho foram extintos e outros foram reorganizados. O funcionalismo público necessitou se reconfigurar para atender às parcelas populacionais que usufruíam dos seus serviços. Sob este prisma, foi estabelecido como regime de trabalho o sistema remoto para todos aqueles serviços e funções que pudessem assim se reorganizar. Escolas, colégios, universidades e empresas, de um modo geral, foram amplamente impactados por este sistema, visto que tecnologicamente foi possível, por meio da implantação de sistemas e softwares, dar continuidade a algum volume de trabalho.

Consoante ao que foi dito na introdução deste artigo, o modelo de trabalho remoto não é inovação e tampouco algo recente, pelo contrário: é uma estratégia que visa, acima de tudo, baixar os custos com a mão de obra e custos fixos que os postos de trabalho exigem. O grande contratempo em relação a este modelo de trabalho é que o mesmo diluiu as fronteiras antes tão bem delimitadas para os homens e para as mulheres entre espaço público e espaço privado, gerando inúmeras consequências para as mulheres. Observou-se que, ao se estabelecer o sistema de “*home office*”, ocorreu uma “*cronificação*” dos papéis sociais pré-definidos para ambos os sujeitos. Ou seja, o que pensara já se ter superado, é reatualizado sem nenhuma ressalva. Pesquisas desenvolvidas¹ durante este breve período vêm constatando que as mulheres tiveram suas dinâmicas de vida integralmente alteradas após a pandemia do novo coronavírus. Uma rápida pesquisa na internet revela que a produção científica das mulheres sofreu considerável queda, com menos submissões de projetos, pesquisas paralisadas e baixa produtividade. O declínio relatado é proporcional aos relatos de sobrecarga com os afazeres domésticos e cuidados com crianças e idosos. Sendo assim, aspectos que antes eram encobertos pela separação espacial entre casa e trabalho remunerado são desnudados, pondo à prova novamente a aparente igualdade entre homens e mulheres (RÉ, 2020, UFRGS, 2020).

Ressalta-se, assim, que o isolamento social somado à obrigatoriedade de continuar a desenvolver as atividades relativas ao trabalho remunerado tem repercutido negativamente no cotidiano das mulheres, pois observa-se um acúmulo de funções uma vez que os cuidados com a casa, filhos e demais funções permanecem sob a responsabilidade majoritariamente das mulheres.

METODOLOGIA

O estudo abrangeu revisão básica da literatura e pesquisa de campo. A revisão da literatura buscou trazer as principais discussões a respeito das desigualdades de gênero e seus

¹ (ONU Mulheres, Opas, 2020)

impactos para o desenvolvimento das carreiras das mulheres e para suas vidas de um modo geral. Sobre a pesquisa de campo, foi aplicado um questionário online com perguntas abertas e fechadas no período de outubro a novembro de 2020. O questionário foi dividido em três blocos que buscaram identificar estas mulheres e delinear suas percepções acerca do trabalho doméstico, trabalho remunerado, vida acadêmica e autocuidado. O *lôcus* da pesquisa constituiu-se pelo *campus* Realengo do IFRJ, local de trabalho das pesquisadoras. O universo foram as servidoras do sexo feminino do *campus*. A amostra compreendeu 34 questionários respondidos.

Os critérios para inclusão na amostra foram: 1. Ser docente de um dos cursos de graduação ou Técnico administrativo do *campus* Realengo, 2. Concordar em participar da pesquisa.

A abordagem qualitativa foi adotada porque possibilita a compreensão de programas/políticas em pauta, das relações envolvidas na implementação das ações e visão que os atores constroem sobre o objeto em investigação (MINAYO, 2004). A intenção dessa estratégia é garantir a expressividade e representatividade do grupo social que compõe o público a ser estudado. Os estudos sobre percepções e representações são significativos ao nos apontarem como são criados consensos em torno de tudo aquilo que orienta nossas ações. Ou seja, a lente com que eu vejo o mundo é permeada por condições pré-existentes, dadas a partir da construção da história de vida em particular e das demais questões que a atravessam cotidianamente. As premissas difundidas podem colaborar para a aceitação ou para a negação de algumas ideias, o que incidirá diretamente no posicionamento pessoal sobre determinada questão (MINAYO, 2004; MAZZOTTI, 2008).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apresentamos abaixo de que forma o trabalho remoto contribuiu para sobrecarga feminina.

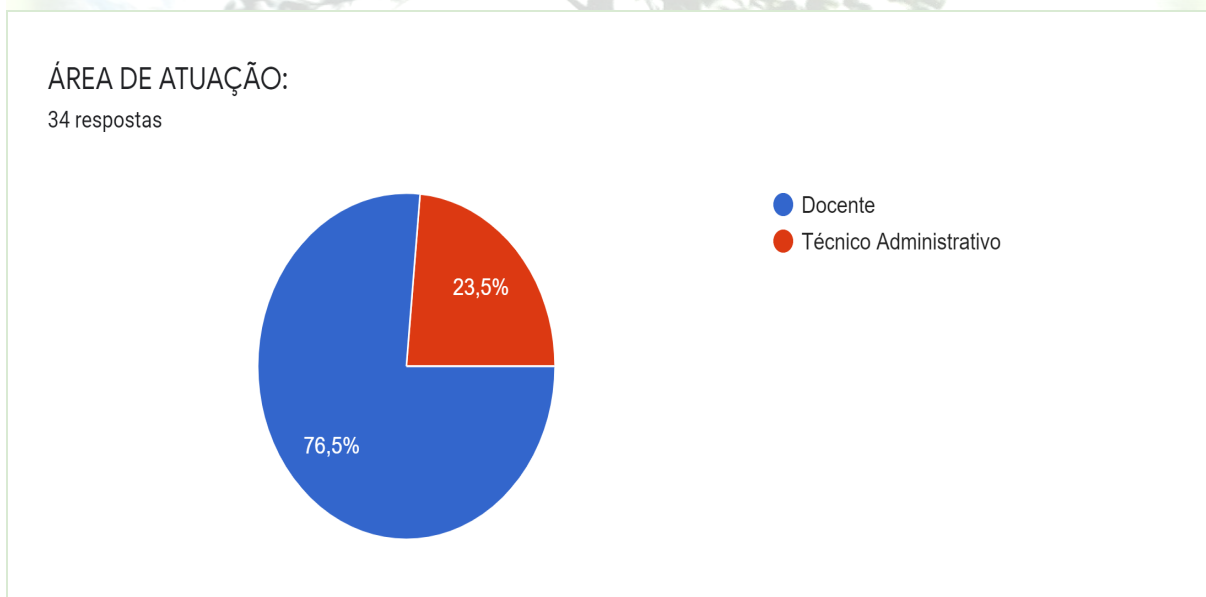


Figura 1: Gráfico 1 – Distribuição das mulheres por área de atuação.

Fonte: Elaborado pelos autores.

A maior parte das servidoras que responderam à pesquisa são docentes no *campus* Realengo.

IDENTIFICAÇÃO:

34 respostas

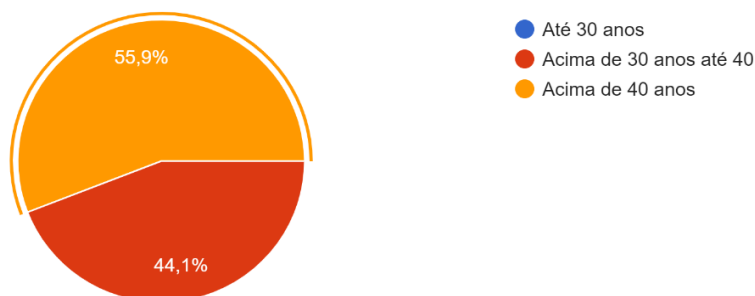


Figura 2: Gráfico 2 – Distribuição das mulheres por idade. Fonte: Elaborado pelos autores.
Em relação à idade, a maioria das mulheres declarou ter acima de 40 anos.

ESCOLARIDADE

34 respostas

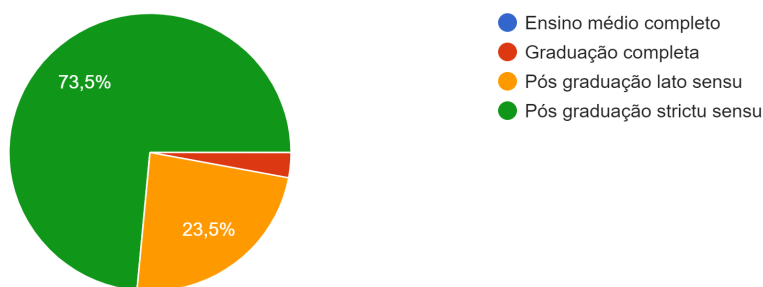


Figura 3: Gráfico 3 – Distribuição das mulheres por escolaridade. Fonte: Elaborado pelos autores.

Quanto à escolaridade, a maioria possui pós-graduação stricto sensu. Como a pesquisa foi aplicada em uma instituição de ensino, grande parte dos respondentes são docentes, o que justifica a grau de escolaridade ser mais representado por opção de pós-graduação stricto sensu.

TIPO DE RELACIONAMENTO

34 respostas

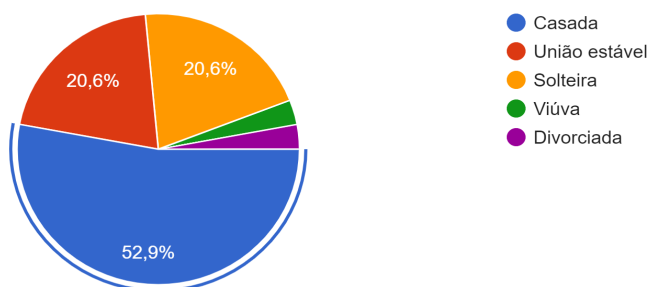


Figura 4: Gráfico 4 – Distribuição das mulheres por tipo de relacionamento. Fonte: Elaborado pelos autores.

AS DIVERGÊNCIAS DO TELETRABALHO...

Acerca dos relacionamentos, mais da metade das mulheres se encontra envolvida em relação conjugal estável. Foi perguntado se apesar da relação, havia o compartilhamento da vida com algum companheiro. Obteve-se a seguinte representação:

VOCÊ RESIDE COM ALGUM COMPANHEIRO(A) ?

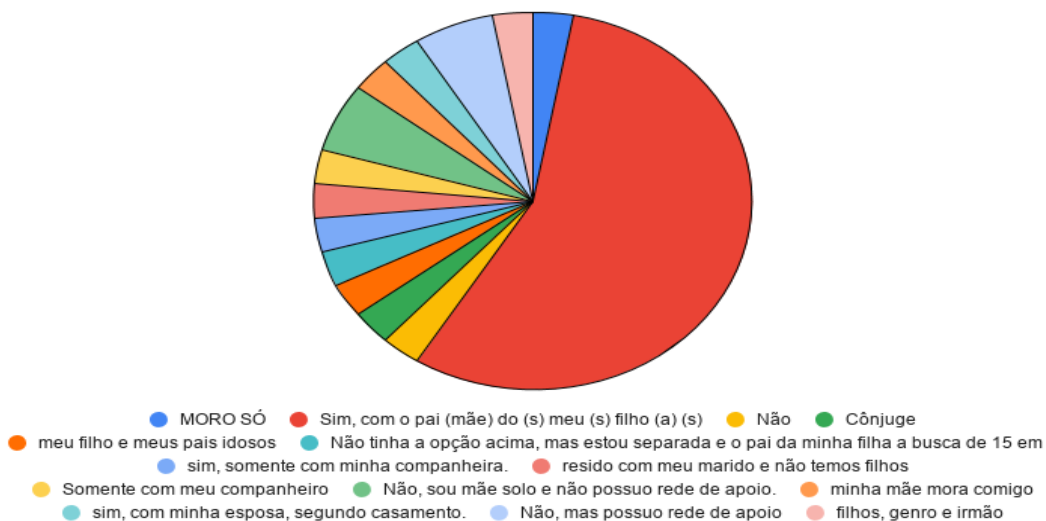


Figura 5: Gráfico 5 – Distribuição das mulheres que residem com algum companheiro. Fonte: Elaborado pelos autores.

POSSUI FILHOS?

34 respostas

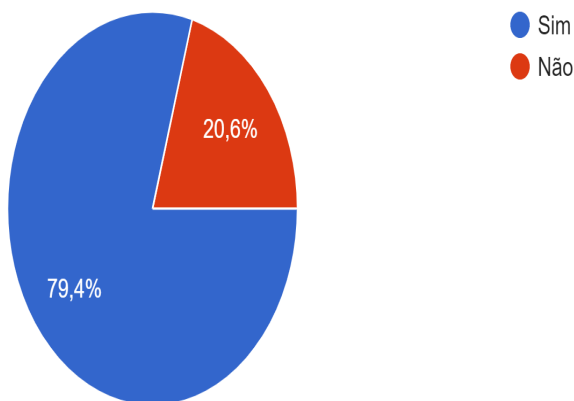


Figura 6: Gráfico 6 – Distribuição das mulheres por filhos. Fonte: Elaborado pelos autores.

Sobre ter filhos, observou-se que a grande maioria das mulheres possui pelo menos um filho.

Contagem de QUANTOS FILHOS POSSUI?

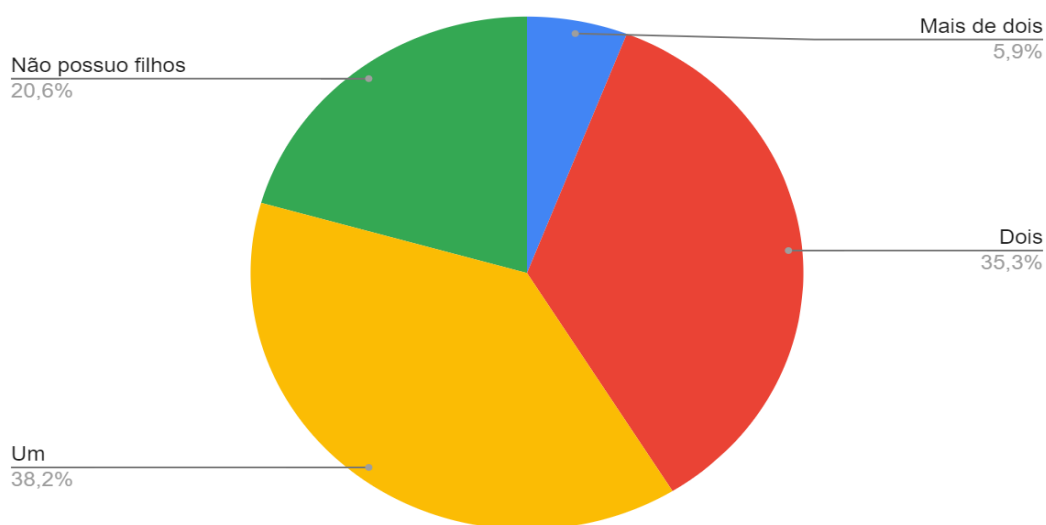


Figura 7: Gráfico 7 – Distribuição das mulheres por quantidade de filhos. Fonte: Elaborado pelos autores.

Sobre a quantidade de filhos, observa-se que há uma equiparação entre o grupo que possui um filho e o grupo que possui dois filhos.

IDADE DOS FILHOS:

34 respostas

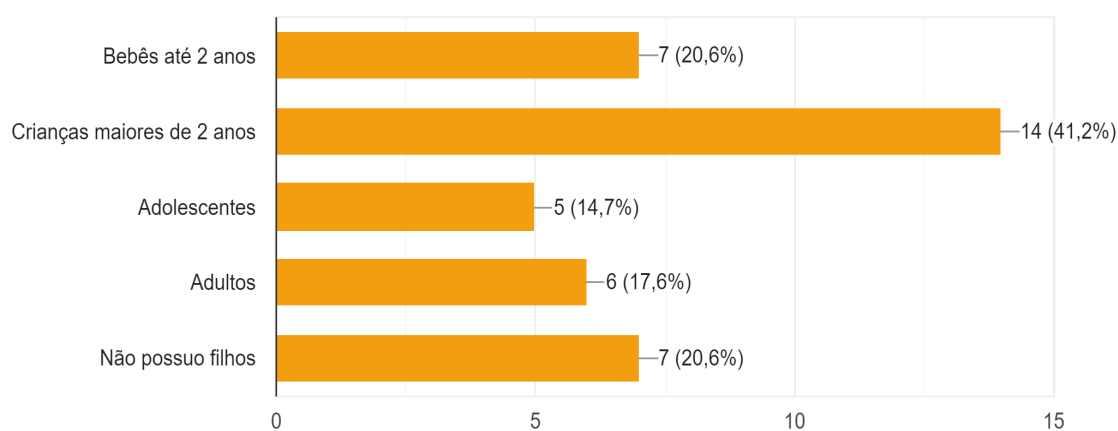


Figura 8: Gráfico 8 – Distribuição das mulheres por idade dos filhos. Fonte: Elaborado pelos autores.

Sobre a idade dos filhos, configura-se que mais de 60% das mulheres possui filhos nas fases bebê e crianças.

Em relação ao trabalho remoto, foi questionado se as mulheres já haviam trabalhado nesse regime de trabalho. Constatou-se predominantemente que a maioria das mulheres não havia trabalhado nesse regime.

O próximo bloco de perguntas se concentrou nas percepções sobre o trabalho doméstico. Assim, ao especificar as principais tarefas realizadas no ambiente familiar, buscou-se trazer à

reflexão se de fato estamos compartilhando equanimente a vida e as extensas demandas requeridas para a manutenção da casa e entes queridos.

JÁ TRABALHOU NO SISTEMA DE TELE TRABALHO ALGUMA VEZ?

34 respostas

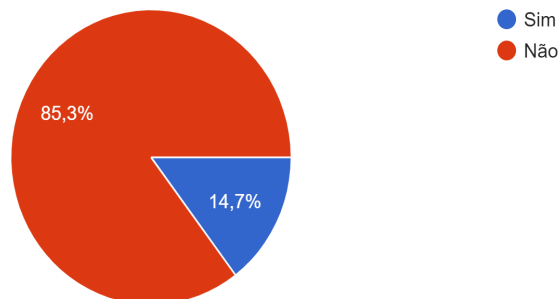


Figura 9: Gráfico 9 – Distribuição das mulheres por experiência em trabalho remoto. Fonte: Elaborado pelos autores.

Foi perguntado às mulheres sobre quem era o principal responsável por preparar a alimentação da família e 58,8% das mulheres declararam serem as próprias. Algumas hipóteses podem se apresentar como justificativa para este número tão elevado de mulheres que são as responsáveis pelo preparo do alimento em casa. Ou ainda, porque um número tão reduzido de homens é o responsável por essa função. Da mesma forma, observa-se que a opção “dividida igualmente entre os moradores capazes” também é baixa. A principal hipótese é que as mulheres podem, de fato, possuir mais habilidade em cozinhar, não porque seja algo natural, mas sim porque esta “tarefa” desde sempre foi atribuída às mulheres. Ou seja, quanto mais se pratica, mais se pode aperfeiçoar determinada atividade. Desde a infância as meninas vêm sendo apresentadas à brinquedos e brincadeiras que são um protótipo da versão adulta; deste modo, não é ingênuo achar que ao ser apresentada diariamente à mini panelinhas, joguinhos de chá e mini-vassouras a maioria das mulheres não saberá o que fazer com elas na idade adulta.

Alimentação_ quem prepara na maioria das vezes? (levando em conta os 7 dias da semana entende-se maioria mais de 4x

34 respostas

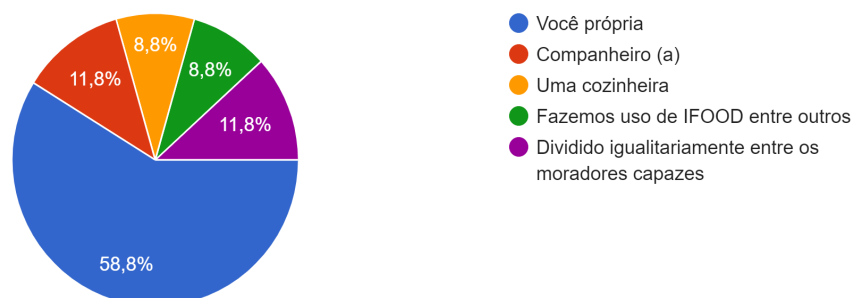


Figura 10: Gráfico 10 – Distribuição por principal responsável pelo preparo da alimentação Fonte: Elaborado pelos autores.

AS DIVERGÊNCIAS DO TELETRABALHO...

Sobre a organização geral da casa (varrer e limpar o chão), observou-se uma redução do número de mulheres que executa essas tarefas em relação à pergunta anterior, sobre alimentação. No entanto, apesar de o número de mulheres que realizam essas atividades ser menor, elas continuam sendo a maioria a desenvolvê-las, inclusive, se pensarmos que os 14,7% representados no segmento “empregadas domésticas”, são, em sua maioria do sexo feminino, restando os 11,8% como exclusivo do sexo masculino.

Organização geral - varrer e limpar o chão? (levando em conta os 7 dias da semana entende-se maioria mais de 4x
34 respostas

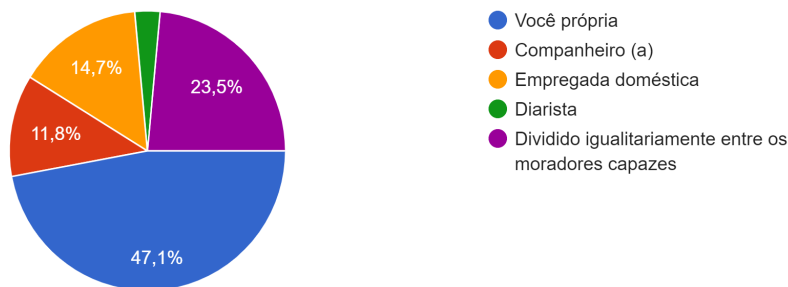


Figura 11: Gráfico 11 – Distribuição por principal responsável em arrumar a casa. Fonte: Elaborado pelos autores.

Em relação a esta atividade, chama-nos a atenção que o grau de dificuldade em realizá-la, não é, em tese, grande. No entanto, a atividade permanece atrelada ao segmento feminino.

Cuidado com as roupas _ colocar na máquina, estender e guardar após secas. (levando em conta os 7 dias da semana entende-se maioria mais de 4x
34 respostas

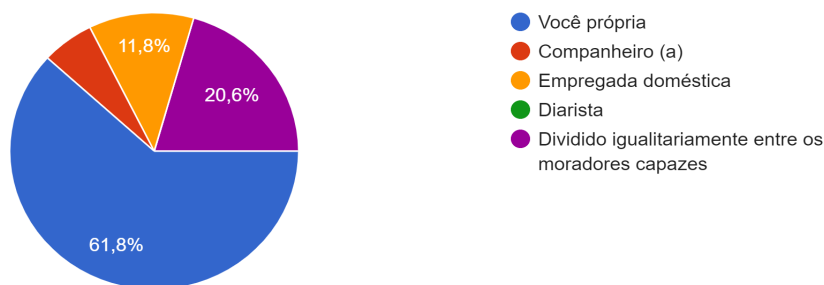


Figura 12: Gráfico 12 – Distribuição das mulheres por cuidado com as roupas. Fonte: Elaborado pelos autores.

As respostas relativas a esta questão demonstram que não é o grau de dificuldade em realizar determinada atividade que impede que o segmento masculino a desenvolva. Ao contrário, mesmo que a atividade utilize o intermédio de equipamentos eletrônicos, entre outros, ainda assim não é suficiente para ampliar essa participação. Observa-se através do gráfico acima, mais uma vez, que as mulheres são preponderantes na realização de mais esta atividade.

Sobre esta questão observa-se grande alteração frente às demais atividades apresentadas ao longo do artigo e que conta, de alguma forma, com a tímida participação dos companheiros e de alguma rede de apoio. O cuidado com as crianças parece ser melhor partilhado entre os

AS DIVERGÊNCIAS DO TELETRABALHO...

moradores capazes que dividem a mesma casa, o que pode incluir o companheiro ou não. No entanto, ainda assim, comparativamente às mulheres, os segmentos listados continuam exercendo esta função abaixo do que as mulheres realizam.

Cuidado com os filhos: Alimentar, dar banho, brincar e colocar para dormir.
(levando em conta os 7 dias da semana, entende-se maioria mais de 4x)



Figura 13: Gráfico 13 – Distribuição por principal responsável pelo cuidado com os filhos. Fonte: Elaborado pelos autores.

Para filhos em idade escolar - Quem auxilia no *homeschooling*?

34 respostas

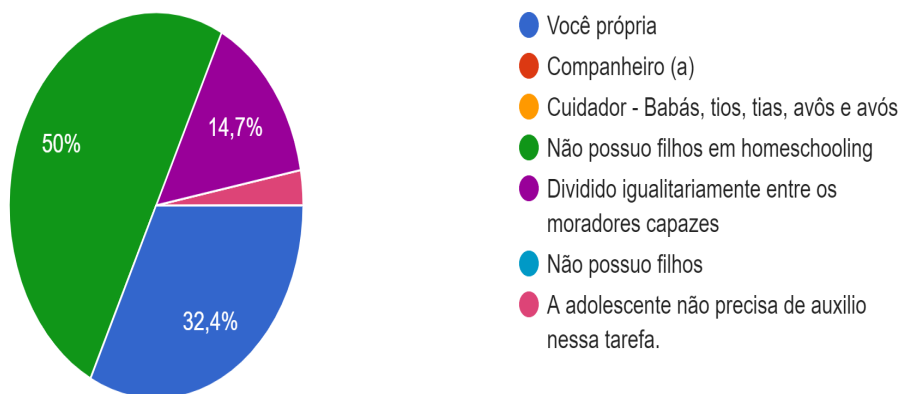


Figura 14: Gráfico 14 – Distribuição por principal responsável por auxiliar no *homeschooling*. Fonte: Elaborado pelos autores.

Apesar de metade das respondentes relatar que não possui filhos em *homeschooling*, a outra metade ainda concentra as mulheres como principais responsáveis por auxiliar os filhos em mais essa atividade.

A última questão que finalizou esse bloco de perguntas teve o intuito de trazer à reflexão, após todas as perguntas anteriores, quem as mulheres consideravam realizar a maior parte das tarefas domésticas.

De um modo geral, quem você considera que realiza a maior parte das tarefas domésticas na sua casa?

34 respostas

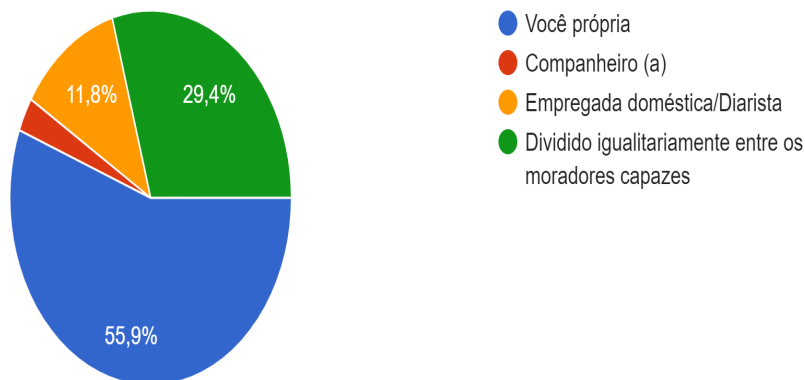


Figura 15: Gráfico 15 – Distribuição por quem realiza a maior parte das atividades domésticas. Fonte: Elaborado pelos autores.

Ao término deste bloco, observou-se em todas as questões a predominância do trabalho feminino em praticamente todas as atividades realizadas no ambiente doméstico, com uma maior participação no compartilhamento na atividade vinculada ao cuidado com os filhos. À guisa de conclusões, apreendeu-se que majoritariamente as mulheres vêm atendendo a todas as demandas necessárias ao funcionamento do ambiente doméstico. O penúltimo bloco apresentou questões sobre o trabalho remunerado, vida acadêmica e autocuidado. As questões buscaram compreender como outras áreas da vida das mulheres servidoras se desenvolviam em concomitância ao trabalho doméstico. Assim sendo, a primeira questão desta parte perguntava sobre o horário/período escolhido para realizar as atividades relativas ao trabalho remunerado. Obteve-se conforme o gráfico abaixo, a seguinte configuração:

Em qual horário/período você realiza/desenvolve o seu trabalho remunerado?

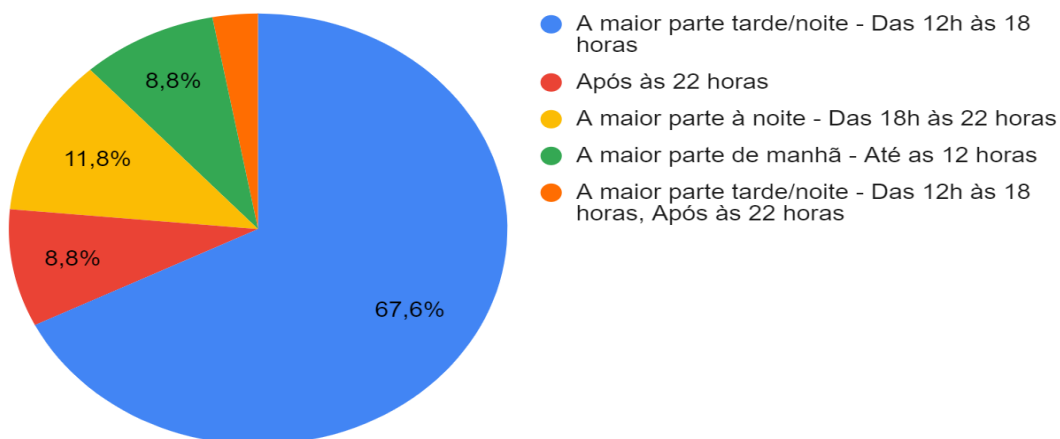


Figura 16: Gráfico 16 – Distribuição por horário/período de trabalho em que realiza o trabalho remunerado. Fonte: Elaborado pelos autores.

A maior parte das mulheres organiza sua rotina de trabalho após o meio-dia. Foi solicitado que elas explicassem o motivo da escolha pelo determinado turno e a maioria das respostas destacou que a opção pelo turno escolhido (mesmo não sendo à tarde) se deu pelo fato de dedicarem em algum momento do dia às tarefas domésticas e filhos, conforme destacado nas falas abaixo:

“Nesse horário já terminei o serviço doméstico e de cuidados com minha filha e consigo me concentrar”. D 11

“Antecipar as atividades necessárias ao funcionamento da vida doméstica”. D 13

“A parte da manhã é mais atribulada. Quando não estou cozinhando, tem sempre algo a fazer na casa. No entanto, muitas vezes as demandas profissionais são tantas, que passo manhã, tarde e noite trabalhando”. D 16

“horário que as crianças estão fazendo trabalho de casa e a casa fica mais silenciosa. Hoje em dia elas já são mais independentes. Pela manhã estou fazendo almoço.” T7.

Conforme o exposto acima, toda e qualquer opção por determinado horário de trabalho levará em conta que há uma gama de tarefas a serem cumpridas, a maioria delas relacionadas à casa e aos filhos. Houve apenas uma resposta que relatou que a opção pelo trabalho no período tarde /noite era por motivos de autocuidado - ou seja, a servidora relatou que o período diurno é reservado para a prática de atividades físicas.

Além do trabalho remunerado, você desenvolve outros projetos?

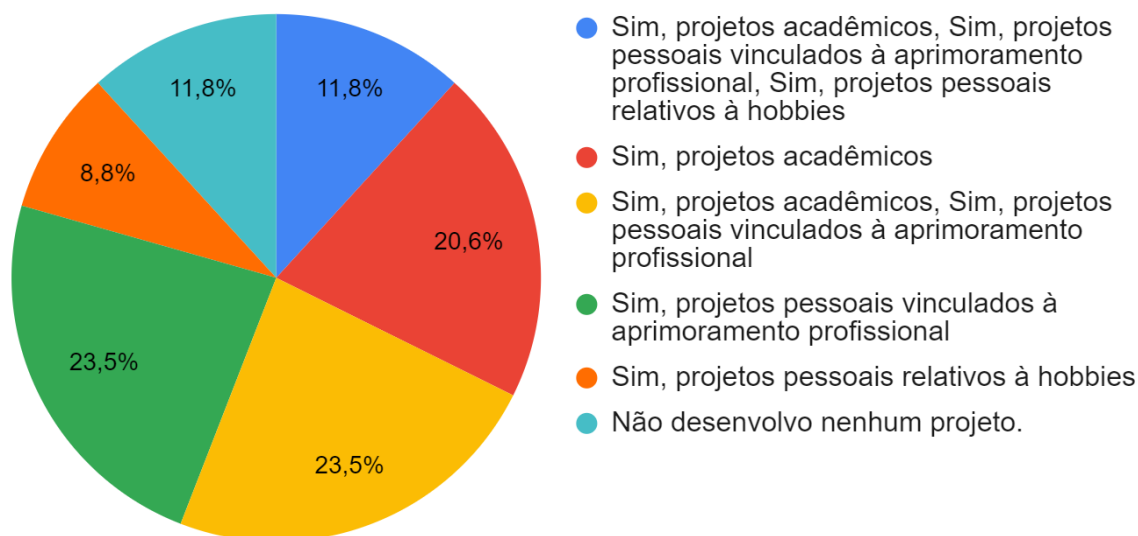


Figura 17: Gráfico 17 – Outras atividades/projetos pessoais além do trabalho remunerado. Fonte: Elaborado pelos autores.

Os principais projetos destacados acima estão, em certa medida, relacionados com o trabalho remunerado, uma vez que os projetos estão vinculados ao aprimoramento profissional e à projetos acadêmicos. Observa-se, deste modo, que pouquíssimas mulheres desenvolvem projetos relativos à hobbies.

Quando você tem uma hora livre, qual seria a ordem de prioridade para essas tarefas:
(escolha as três mais executadas por você)

34 respostas

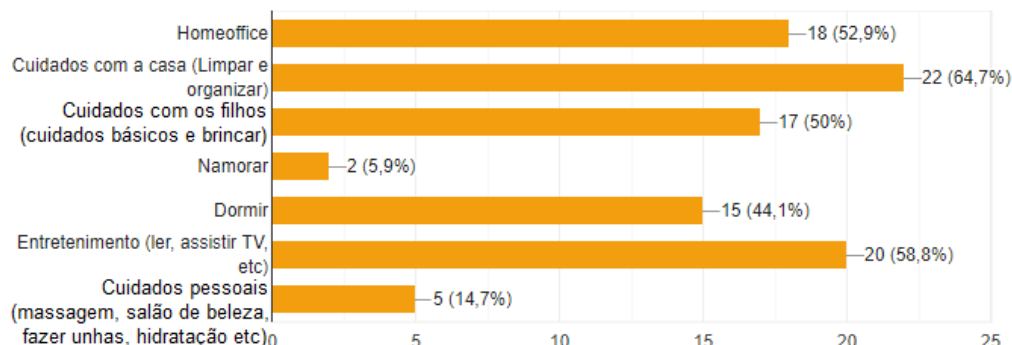


Figura 18: Gráfico 18 – Principais tarefas a serem realizadas no tempo livre em ordem de prioridade. Fonte: Elaborado pelos autores.

A última questão teve como objetivo buscar evidenciar de que forma o trabalho doméstico pode impactar a vida das mulheres, e como as demais áreas da vida podem se tornar subrepresentadas frente a esta imperiosa tarefa de equilibrar cada uma delas. Encerramos esse bloco de questões mais uma vez evidenciando que as principais escolhas de atividades no tempo livre são: cuidados com a casa, *home office* e assistir televisão e ler. Depreende-se assim que: namorar ou mesmo investir em cuidados pessoais, **não entraram na lista de prioridades**. Sendo assim, compreende-se que o trabalho remoto somado às tarefas do ambiente doméstico forma um combo danoso, pois, de certa maneira, interfere de forma grave nas relações sociais, uma vez que as pessoas deixam de priorizar aspectos importantes à vida humana, inclusive a convivência em coletividade.

Ao finalizar o questionário, perguntamos às servidoras sobre as suas percepções sobre o trabalho remoto. A questão era aberta com o objetivo de captar os sentidos atribuídos a esta modalidade de trabalho. Deste modo, obteve-se como resposta que a maioria (**16 respostas**) avaliou como **negativo** o sistema de teletrabalho. As principais expressões encontradas que caracterizam este sistema de trabalho são de que o mesmo é **cansativo**, exaustivo e **ilimitado**, uma vez que se estende e se mistura entre as atividades domésticas e pessoais, dando a sensação de que se trabalha o tempo todo. O entendimento das servidoras é de que não há fronteiras entre o trabalho formal remunerado e o trabalho não formal e não remunerado exercido cotidianamente no ambiente doméstico.

“Acredito que algumas pessoas possam se organizar e produzir nesta forma de trabalho. Porém, para a mulher com filhos pequenos no contexto da pandemia é extremamente complexo. Não consegui exercer o teletrabalho de forma saudável. Trabalho pela madrugada, de domingo a domingo, para cumprir com minhas obrigações”. D5

“Teletrabalho em tempos de pandemia acarreta sobrecarga emocional e física, uma vez que estamos cuidando também de familiares: como mãe, filhos ...além do ambiente doméstico que é o mesmo para o desenvolvimento do trabalho” D6

“Mesmo tentando manter uma rotina, em prol do trabalho, da casa, da criança e da prática de atividades, às vezes é complicado se organizar, principalmente porque a criança requer sua atenção de acordo com a necessidade emocional dela” TA 14.

Um outro grupo (**11 respostas**) avaliou que o teletrabalho pode igualmente possuir aspectos **positivos e negativos**, sendo assim necessário ponderar entre os “ganhos” e as

“perdas” desse modelo. As desvantagens ou pontos negativos encontrados são os mesmos citados acima, incluindo o fato de que para realizar esse tipo de trabalho é necessário organização, espaço adequado e equipamentos, inclusive ergonômicos. Entre os pontos positivos, as principais questões abordadas são estar em ambiente seguro, protegido da COVID-19, a possibilidade de estar próximo dos filhos e demais parentes que necessitam de cuidados especiais, não depender tempo de locomoção para o trabalho, eventualmente estando longe da violência urbana e, de certa forma, participar de reuniões que antes anteriormente não eram possíveis em decorrência do deslocamento na cidade.

“Pode ser interessante em vários aspectos, mas nesse momento tem gerado muita ansiedade, por não me sentir plenamente preparada” D18

“Vejo como uma alternativa necessária à circunstância do isolamento social, mas como longe do resultado do trabalho presencial” D20

“É um sistema bom, por um lado, pois evitamos os meios de transporte lotados e precários, bem como a passagem pelos locais de risco e violência. Por outro lado, quando somos mãe e os filhos são menores, esse trabalho se torna um desafio. Temos que nos dividir entre dona de casa, cuidadora e profissional, o que é bastante cansativo. Como técnica, também seria ideal ter o material ideal de trabalho emprestado pela instituição, pois, por vezes, possuímos apenas um computador em casa, utilizado por todos que trabalham em home office.” TA28

As avaliações que consideram o teletrabalho como **positivo (7 respostas)** destacaram em especial que o mesmo pode ser produtivo pelos fatores anteriormente citados. No entanto, mesmo manifestando confiança nessa nova modalidade, ressalta-se a questão da organização a fim de que o mesmo alcance seu intento.

“O teletrabalho me aproximou dos meus filhos, podendo atendê-los melhor e ao mesmo tempo podendo trabalhar mais tranquila. Porém deve haver uma disciplina e organização grande pois há possibilidade de extrapolar seus limites de trabalho diário” TA3.

“Tenho facilidade com o teletrabalho, acho uma ferramenta muito importante no cotidiano das grandes cidades onde somos prejudicados como um longo tempo no trajeto casa-trabalho e vice-versa. Mas é preciso um pouco de investimento em tecnologia internet e é preciso um ambiente calmo em casa.” D15

“Poderia ser uma ótima opção se o panorama fosse de normalidade (ajudante em casa, cuidador de idosos etc.) para dar apoio”. TA23

CONCLUSÃO OU CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados aqui apresentados demonstram que as mulheres permanecem majoritariamente como responsáveis pelas tarefas domésticas. O cuidado dos filhos aparece como a única atividade compartilhada com mais pessoas que não sejam exclusivamente a mãe. As demais atividades realizadas em casa são executadas pelo grupo feminino.

Permanece-se, assim, à despeito de todos os progressos resultantes dos movimentos sociais em prol dos direitos femininos, reproduzindo o modelo patriarcal no qual as mulheres seguem realizando as tarefas de cuidados, historicamente estabelecidas, e os homens mantêm seus papéis alijados ao serviço doméstico, com livre circulação na esfera pública, seus mundos por excelência. No entanto, a situação imposta pela pandemia da COVID-19 escancarou o que internamente já se sabia em virtude dos dados oficiais apresentados pelos órgãos de estatísticas nacionais, que revelam anualmente que a busca da equidade feminina caminha a passos lentos. Apesar de sermos a maioria nas universidades e em determinados postos de trabalho, a maioria segue chefiando lares e tentando equilibrar a equação cujas variáveis envolvem o trabalho remunerado, o não remunerado e o cuidado e educação dos filhos, em grande parte menores de idade. Ainda assim, permanecemos com salários

inferiores aos nossos pares do sexo masculino. A pandemia reforçou essa construção do cuidado centralizado na mulher. Os estudos realizados durante esse período mostraram que a maioria das mulheres, ao se verem reclusas dentro do espaço doméstico e assumindo inúmeras funções, tiveram suas performances de trabalho diminuídas; para aquelas com trabalho formal e de cunho educativo e tecnológico, as pesquisas de muitas delas foram temporariamente interrompidas, assim como seus artigos aguardam submissão. Para muitas delas, em especial o segmento de mulheres com baixa escolaridade, o desemprego bateu à porta e colaborou para que inúmeras outras violações se restabelecessem, tal como a alta de casos de violência doméstica (RODRIGUES, 2020) e assassinatos de mulheres, chamado atualmente de *feminicídio* (BOND, 2020). Observou-se que, ao assumir todas as funções de cuidado com o lar e cuidado humano, sob pena do desemprego, as mulheres anuíram aos seus próprios adoecimentos, tanto ao nível físico quanto ao nível emocional, em especial as mães solo.

O segmento em voga pesquisado apresenta algumas particularidades em relação às demais mulheres, em especial por se tratar de um grupo com alto grau de instrução e emprego estável no serviço público federal. Deste modo, é importante frisar que essas mulheres, mesmo com toda a sobrecarga relatada, não enfrentam constante pressão para manutenção de suas sobrevivências, bem como de suas famílias, o que não minimiza as suas rotinas por vezes extenuantes. Frisa-se, ainda, que a maioria delas possui parceiros fixos que residem no mesmo ambiente e que, em tese, seriam capazes de dividir igualmente todas as tarefas necessárias à manutenção do ambiente doméstico. No entanto, as respostas demonstraram que, apesar disso, poucas atividades são compartilhadas de maneira equânime.

Quanto ao *home office*, constatou-se que maioria das servidoras não conseguiu adequar esta forma de trabalho às já presentes obrigações domésticas, principalmente porque não há contrapartida em dividi-las igualmente. Deste modo, o *home office* trouxe para dentro de casa os encargos do trabalho remunerado, anteriormente exercido em outro espaço. Essa “transferência” ocorreu derrubando as fronteiras entre o público e o privado e aparentemente ignorando a primazia das funções intrínsecas ao lar. Acredita-se assim que é necessário um olhar mais apurado em relação ao que as mulheres, mães e trabalhadoras vêm enfrentando no contexto da pandemia. É preciso voltar os olhos para esta realidade a fim de intervir de modo a favorecer o segmento feminino fortemente prejudicado. Essa intervenção pode se dar ao nível privado, através de políticas empresariais que busquem a equidade de gênero, e na esfera pública, por meio de políticas públicas que sensibilizem acerca da desconstrução de papéis sociais estigmatizantes que só fazem reforçar estereótipos promotores de mais desigualdade.

REFERÊNCIAS

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. 2. ed. Paris: Nova Fronteira, 1985. 372 p. Tradução de Waltensir Dutra.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p, 44.

BOND, Letycia. Casos de *feminicídio* crescem 22% em 12 estados durante pandemia - Números da violência contra a mulher caíram em apenas três estados

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2020-06/casos-de-feminicidio-crescem-22-em-12-estados-durante-pandemia>

BRASIL, Ministério da Saúde. Síntese de casos, óbitos, incidência e mortalidade no Brasil. Brasília, 2020. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 25 ago.

2020.

Costa.C.L. Mulheres e suas geografias em Universidades brasileiras. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/geografiaematos/article/view/7960/pdf>. Acesso 20.01.21

GROSSI, Miriam Pillar. "Identidade de Gênero e Sexualidade". Antropologia em Primeira Mão, n. 24, Florianópolis, PPGAS/UFSC, 1998

IPEA 2017. Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça – 1995 a 2015. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/retrato/>

LEMOS, Carolina Teles (2005). "Religião, Gênero e Sexualidade. O lugar da mulher na família camponesa".

MAZZOTTI, A. J. A. Representações sociais: aspectos teóricos e aplicação à educação. Revista Múltiplas Leituras, v. 1, n. 1, p.18-43, jan./jun. 2008.

MINAYO, M. C. S. Ciência, técnica e arte: O desafio da pesquisa social. In: _____. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 09-30.

ONU MULHERES. Gênero e Covid-19 na América Latina e no Caribe: dimensões de gênero na resposta. ONU Mulheres, mar. 2020. Disponível em:

http://www.onumulheres.org.br/wpcontent/uploads/2020/03/ONU-MULHERESCOVID19_LAC.pdf. Acesso em: 10 out. 2020.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE (OPAS). Dia Mundial da Saúde: OMS e parceiros pedem investimentos urgentes em profissionais de enfermagem. Site OPAS Brasil, 07 abr. 2020. Disponível em:

https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6134:dia-mundial-dasaude-oms-e-parceiros-pedem-investimentos

RÉ, Roxane. Pandemia evidencia ainda mais a desigualdade de gênero. Site do Jornal da USP, 26 jun. 2020. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/pandemiaevidencia-ainda-mais-a-desigualdade-de-genero/>. Acesso em: 14 jan. 2020.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia, Transmissão geracional e família na contemporaneidade. In: LINS DE BARROS, Myriam Moraes (Org.). Famílias e gerações. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006, v. 01, pp. 91-105.

RODRIGUES, Alex. Ligue 180 registra aumento de 36% em casos de violência contra mulher - Isolamento social e quarentena podem ser responsáveis por aumento <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-05/ligue-180-registra-aumento-de-36-em-casos-de-violencia-contra-mulher>

SARTI, Cynthia Andersen. A família como espelho. Um estudo sobre a moral dos pobres. Editora autores associados, São Paulo, 1996.

SIQUEIRA, D.; LIMA, R. B. de (Org.). Sociologia das adesões: novas religiosidades e a busca místico-esotérica na capital do Brasil. Rio de Janeiro: Garamond: Vieira, 2003.

SOARES, Vera. O Feminismo e o Machismo na percepção das mulheres brasileiras. In A mulher brasileira nos espaços público e privado. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. p, 161 a 182.

ZANELLO, Valeska. Dispositivo materno e processos de subjetivação: desafios para a psicologia. In: ZANELLO, Valeska; PORTO, Madge (Org.). Aborto e (não) desejo de maternidade(s): questões para a psicologia. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2016. P. 103-122

